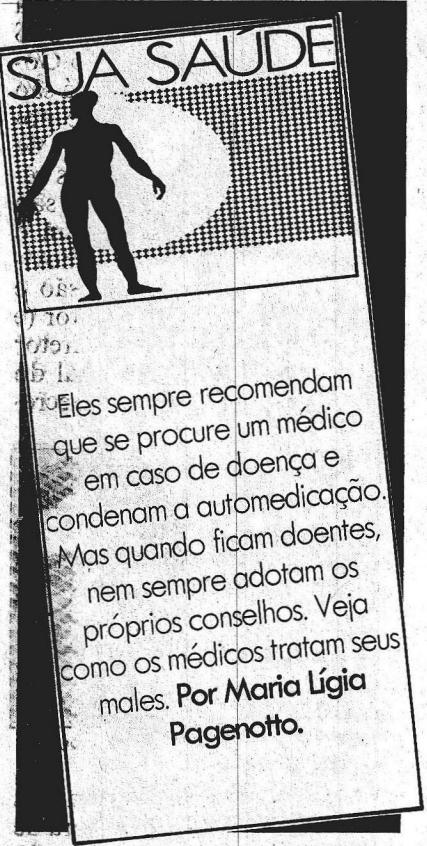


Quando o médico vai ao médico

ESPECIALISTAS DE VÁRIAS ÁREAS DA MEDICINA CONTAM COMO TRATAM SUAS DOENÇAS E ENSINAM A APROVEITAR MELHOR AS CONSULTAS



Em matéria de saúde, vida de médico nem sempre é exemplar. Apressados e quase sem tempo, donos de uma rotina de trabalho agitada, os profissionais da saúde assumem que são mestres em automedicação — uma prática que estão sempre recomendando a seus pacientes evitar — mesmo que o problema que tenham não diga respeito à sua especialidade.

Por força da própria profissão, em geral não têm um médico fixo a quem confiam plenamente sua saúde. Mas, se a situação se complica, eles garantem que recorrem aos colegas mais próximos e graduados para procurar tratamento. E afirmam em coro ainda que, cuidar de parente, nem pensar. Melhor que o paciente da família (seja filho, mulher, mãe, pai) que aos cuidados de outro profissional. Envolvimento afetivo costuma atrapalhar as consultas, ensinam os doutores.

Outro assunto delicado: cobrar ou não as consultas dos colegas e de seus familiares. Para isso, segundo o Conselho Regional de Medicina, não há regras fixas. A orientação é pelo bom senso e cada um escolhe como acha correto proceder.

E como paciente, no consultório de um colega, como se comportar? Dar ou não palpite no que o amigo está lhe receitando? Ficar calado sobre os procedimentos realizados, entregue como um paciente comum, ou interferir com seus conhecimentos?

O renomado cardiologista Euryclides de Jesus Zerbini, autor do primeiro transplante de coração feito na América Latina, na década de 60, há cerca de um mês passou por uma experiência pouco frequente em sua vida: ser paciente. Operado pelo neurocirurgião Newton Domingos Cabral — um ex-aluno seu em quem curiosamente já implantou três pontes de safena —, Zerbini foi o que os médicos consideraram um paciente ideal: se entregou completamente nas mãos do cirurgião, sem dar palpites sobre a operação. “Minha mulher sempre diz que sou cordato demais com os colegas que me tratam”, brinca.

A decisão da sua cirurgia, no entanto, foi tomada por ele mesmo. “Eles me mostraram a tomografia e eu percebi o risco que corria. Enquanto a equipe médica discutia se me operava de emergência ou não, eu resolvi que queria ir para sala naquele momento”, conta. “Talvez aí tenha me comportado mal.”

Em qualquer situação, para médicos e leigos, Zerbini ensina que o fundamental para manter a saúde em dia é ter sempre pelo menos um médico em quem se confia plenamente e a ele delegar sua saúde.